

Materializei-me dentro de um guarda-fatos antigo e empoeirado, talvez de um jovem jogador de hóquei, pois quase levei com o stique na cabeça, mas, felizmente, o capacete caiu primeiro, amachucando-me o penteado. Desenven-cilhei-me, a custo, do equipamento e saltei, aturdido, para fora do armário.

O quarto estava sem vitalma; no entanto, permaneci uns instantes de ouvido apurado. Ao primeiro sinal de alarme, teria que me precipitar para a fuga apesar de o dispositivo de teletransporte estar a menos de meia carga. A solução seria usar as minhas clássicas sapatilhas propulsoras dos anos 3000 para me lançar pela janela, aterrando em segurança na rua.

Olhei em redor e vislumbrei um longo vestido de cambraia pendurado no manequim, a um canto do quarto. Era de um tecido fino e negro como uma pantera, estampado a flores campestres amarelas e vermelhas vivas. O decote era pouco acentuado e a saia, com pregas, pendia até pouco abaixo do joelho. Atrás, caía pelos ombros aberto em direção ao cóccix, e um laço vermelho espraiava-se da cintura até ao chão. Quedei-me, por momentos, a imaginar quem o vestiria, e a questionar-me: que faria aquela peça de roupa quase imaculada no quarto de um rapaz?

Sentei-me no que séculos antes seria considerado uma cama. O colchão rangia com o meu peso, mas a suavidade da manta de pelo arrepiou-me assim que a toquei. Parecia que alguém tinha esfolado um qualquer animal pré-histórico para fazer aquela coberta. No entanto, a suavidade e o aconchego confortavam-me a alma. Na minha cidadela, Supel, o melhor que se consegue encontrar é uma cama de rede que pende do teto, presa a duas chapas de níquel.

Ouvi o trinco da entrada da habitação rodar no andar de baixo e entreabri a porta do quarto para avaliar as minhas hipóteses de fuga. Uma jovem bela, pálida como um anjo, de olhar azul e penetrante, entrou com a mãe. Com os braços encheados pelos casacos, afadigavam-se com sacos de papel castanho a abarrotar de compras. Dirigiram-se para uma divisão no piso inferior e foi então que liguei as sapatilhas no modo silencioso e voei porta fora tão discreto

como a brisa, ainda que levemente desajeitado. Pelo caminho, surripi um casaco que estava no bengaleiro, para me poder camuflar entre a multidão.

Para não dar nas vistas, pousei logo à saída de casa, num pequeno jardim rodeado de arbustos, e trajei o casaco, esfregando as mãos para manter o calor. Deambulei alguns minutos pela vizinhança a fim de me afastar do edifício. Apesar da neve, espreitava um sol tímido entre nuvens prestes a eclodir em faíscas tenebrosas, que rasgam o horizonte. Erguia-se uma brisa ora fresca, ora gélida, como se o Deus, ao qual oravam numa igreja ali perto, abrisse a porta do frigorífico e do congelador ao mesmo tempo.

As habitações flanqueavam o bairro. Os telhados e os quintais cobertos de um manto fino de neve evocavam as casas de gengibre dos velhos postais de Natal que vi uma vez numa taberna intergaláctica de relíquias em Surg, pertencente à coleção de um centenário louco, perdido no passado após demasiadas viagens através do tempo. Atrás de mim, no lençol branco, um rasto de quatro propulsores surgia em vez de pegadas, mas as poucas pessoas, sobretudo transeuntes, que deambulavam na rua pareciam não reparar.

Prossegui lentamente a marcha até ao cruzamento, onde estaquei. Um placar antigo, em madeira trabalhada, com folhas pregadas, anunciava o primeiro jogo de hóquei no gelo da região. Senti-me entusiasmado pois foi a esse espetáculo que vim assistir. Ainda que restrita a um grupo diminuto de investigadores e cobaias, no qual me insiro, a viagem espaço-temporal foi a melhor das invenções. Além de presenciar factos históricos desvanecidos numa sociedade essencialmente virtual, feita de *bytes* e *pixéis*, o que pagam lá vai servindo para suportar as contas. As únicas três regras limitam-nos a não interferir com o decorrer dos acontecimentos, jamais revelar o ocorrido ou a identidade e nunca regressar ao mesmo local.

O evento decorreria uma hora mais tarde num lago congelado ali perto nas cercanias. Mais à frente, um estabelecimento de bebidas era convidativo. Vasculhei o bolso do casaco e encontrei uma nota. Deveria ser suficiente para provar aquilo que sempre quis: chocolate quente. Na realidade onde vivo, o açúcar é ilegal, classificado como uma droga viciante, e apenas acessível por milhares de criptomonedas, interdito ao comum dos mortais que se alimentam durante duzentos anos de ração liofilizada e cápsulas.

O chocolate quente sabia pela vida. Com a consistência perfeita, o paladar a cada trago, ora amargo ora doce, aquecia-me a alma. Conseguia perceber o corpo cremoso de um chocolate acabado de derreter, ainda com pequenos grânulos que se acomodavam nas minhas papilas gustativas e acabavam por se dissolver com a saliva. Todas as minhas suposições foram excedidas por aquele néctar.

Com a bebida a fumar, segui um grupo de habitantes locais que formigava para o acontecimento. Apoderei-me de um lugar, afastado dos grupos de pessoas que iam chegando, e encostei-me a uma árvore vestida de neve e estalactites de gelo prontas a despenhar-se ao mínimo abanão, com a certeza de que iria permanecer sozinho.

Poucos minutos depois, dois indivíduos balizaram aquilo que seria o campo para o jogo. Ao centro da lateral, um enorme marcador com números desenhados a caneta estava a postos para o apito inicial. Duas equipas chegaram e posicionaram-se para baterem o disco. Ouviu-se um som agudo e o jogo começou como um bailado no gelo. Os movimentos eram graciosos e inebriantes, e fui absorvido por aquela dança que nunca antes vira, entre tragos de chocolate quente.

Foi então que reparei num rosto familiar. A figura mais veloz era a jovem do quarto onde apareci. Estava explicado o mistério do vestido. Preguei os olhos nela e fiquei a admirá-la. Em cada movimento, parecia que o seu vestido pendurado no manequim lhe caía pelo corpo e rodopiava com ela. A graciosidade era tão grande quanto a sua beleza. A trança negra saía do gorro e pendia pelo ombro. O casaco às riscas condizia com as meias altas que surgiam dos patins, e os calções, ainda que abaloados, conferiam elegância à cena.

Assisti, entusiasmado, até ao final do jogo, e esperei que toda a gente abandonasse o recinto, ignorando o *bip* do dispositivo de teletransporte. Queria ver-te desaparecer na neve. Sabia que viajar com menos de um quarto da bateria seria bastante arriscado, mas não podia desperdiçar a oportunidade de te contemplar a caminho do horizonte.

A noite já se aproximava. Olhei de soslaio para me certificar que estava sozinho. Bebi o último gole no copo de papel de chocolate quente e guardei-o no bolso, cautelosamente, como recordação. O regresso foi atribulado, graças aos dez por cento de bateria restante. Forcei tanto o equipamento a realizar a viagem que danifiquei um dos propulsores, e só por sorte não me aconteceu nada. É o segundo este mês. Terei que inventar uma boa desculpa para que me deixassem continuar com este emprego.

Logo pelo amanhecer, na sede do Departamento de Viagens Intertemporais, espera-me uma bateria de testes infundáveis e um questionário de um par de horas. Mas por agora, na cama de rede do meu cubículo morno e inundado do néon multicolor dos prédios da frente, no ano de 3547, contemplo das alturas, através da diminuta janela, a constelação de Vénus, entrecortada pelos veículos voadores que, pressurosos, cruzam os céus. Na minha quietude, sonho acordado com a rapariga do vestido imaculado, de pele angelical e faces afogueadas, olhos

penetrantemente azuis, de equipamento às riscas e stique na mão, a posar para a fotografia a preto e branco no final da partida. Tão apaixonada por hóquei no gelo como eu fiquei por ela, no ano longínquo de 1921, onde se perdeu o meu coração.

#### NOTA BIOGRÁFICA

Ana M. M. Santos nasceu na Beira Interior em 1990. É licenciada em Cinema (UBI, 2013) e mestre na mesma área (UBI, 2016) com uma dissertação sobre a adaptação cinematográfica do conto tradicional Branca de Neve. Frequenta o doutoramento em Media Artes (UBI, em curso), onde desenvolve a sua pesquisa sobre adaptação de romances de terror à sétima arte, seguindo a linha de investigação do mestrado. É autora de várias comunicações e artigos, trabalha como revisora científica, escreve guiões e histórias para crianças. É investigadora colaboradora no Centro Labcom.IFP (UBI).